

# Bráulio Bessa – A arte do tempo

O tempo...

Sempre vivo e indeciso,  
ora corre, ora voa,  
consegue curar feridas,  
no mesmo instante as magoa.  
Ninguém escapa do tempo  
invisível feito o vento  
que toca qualquer pessoa.

O tempo me modelou,  
me arrancou do meu ninho,  
clareou os meus cabelos,  
me bateu, me fez carinho.  
O tempo me fez voar,  
me ensinou a caminhar,  
mas não mostrou o caminho.

Por tanto tempo o tempo  
fez papel de diretor,  
um roteirista confuso,  
ora ódio, ora amor,  
gritando silencioso,  
tão claro e misterioso  
feito o mar pro pescador.

O tempo me fez poeta,  
artista, palco e cenário,  
me fez imaginação,  
aí, encontrou um páreo,  
pois, para o tempo, o artista  
sempre foi um adversário.

Só o artista segura

e faz parar o ponteiro  
que faz o dia ser noite  
e último ser primeiro,  
e que tem a ousadia  
de determinar o dia  
que será o derradeiro.

A liberdade da arte  
deixa o tempo aprisionado,  
faz o relógio da vida  
adiantado, atrasado,  
e num segundo de paz  
toda guerra se desfaz  
se o relógio for parado.

Já que o tempo é infinito  
e o artista o domina,  
ser eterno e ser mortal  
talvez seja minha sina,  
atuar num espetáculo  
que nunca fecha a cortina.

A única previsão  
que é certa sobre o tempo  
é que ele vai passar.  
Por isso cada momento  
deve ser aproveitado,  
vivido e depois guardado  
na caixa do pensamento.

O tempo está sempre vivo  
num grande desassossego,  
inquieta, inconstante,  
é pancada e é chamego,  
é solução e problema.  
O tempo é só um poema  
dizendo: já fui, já chego.

**Bráulio Bessa, Um carinho na alma**